

SISTEMA BRAILLE E ORTOGRAFIA: ESTUDO DE CASO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Amanda Botelho Corbacho Martinez¹

Resumo: *Na literatura brasileira dificilmente encontramos pesquisas que objetivem analisar o desenvolvimento da escrita alfabética e da escrita ortográfica em crianças cegas. Diante das especificidades do sistema braille e das características da deficiência visual, é possível que a ocorrência de erros de ortografia na escrita de crianças cegas seja mais frequente. A presente pesquisa pretende identificar, descrever e analisar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores para ensinar ortografia em classes com crianças cegas incluídas. Para isso, está sendo realizado um Estudo de Caso em duas classes do Ensino Fundamental. As observações têm evidenciado que a prática pedagógica continua vinculada a uma abordagem mnemônica, embora estudos anteriores, realizados com crianças videntes, tenham demonstrado que esse tipo de ensino não é o mais adequado para a aprendizagem das regras ortográficas. Além disso, as professoras das classes observadas desconhecem o sistema braille, o que dificulta a mediação das professoras nas situações de ensino. Os dados sugerem que as práticas pedagógicas não estão contribuindo para que as crianças cegas apreendam a ortografia das palavras.*

Palavras-chave: Criança cega; Ortografia; Sistema braille; Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

O tema desse estudo surgiu a partir de nossa experiência com uma criança cega que apresentava muitos erros de ortografia em suas produções escritas. Com a revisão de literatura realizada verificamos que algumas pesquisas sobre a inclusão de pessoas com deficiência visual na escola regular relataram a frequência dos erros ortográficos na escrita da criança cega. No entanto, ainda são poucas as pesquisas brasileiras que discutem o aprendizado da ortografia pelo sistema braille e as práticas pedagógicas usadas para ensinar ortografia às crianças usuárias desse sistema de leitura e escrita.

Na pesquisa realizada por Caiado sobre o aluno deficiente visual na escola, um adulto cego mencionou sua dificuldade com a escrita.

Agora, eu tenho muita dificuldade para escrever. Eu troco muito as letras, escrevo com dois s e é com um s só, coloco x e é dois s, ç. Eu não leio muito e então tenho muita dificuldade. Eu falo que ainda vou fazer um curso para aprender a escrever direito. Para fazer uma redação, além de ter erro de português, eu não tenho idéias. Eu gostaria de fazer uma redação melhor e aprender a escrever melhor. As professoras de português, a não ser uma que me exigia muito, a maioria delas nunca ligou para os meus erros de português, para eu aprender a escrever direito. A professora que cobrava, pedia leitura de jornal toda semana. Ela estava certa em fazer isso. Eu perguntava para ela como eu leria jornal se não enxergo, mas ela respondia que pedisse para alguém ler o

¹ Mestranda em Educação e graduada em Pedagogia, pela Faculdade de Educação/ UFBA. Bolsista CAPES. E-mail: botelho.ar@gmail.com

jornal para mim, para que eu pudesse escolher uma notícia. E tinha que levar a notícia copiada toda semana. Era muito chato! Mas valeu! (CAIADO, 2006, P. 79-80)

Esse depoimento demonstra que a maior parte das professoras de português não solicitavam da aluna cega a escrita correta das palavras. A única professora que exigia a a ortografia correta das palavras utilizava como estratégia de ensino a cópia de notícias de jornal. Para a cópia das notícias, era necessário que outra pessoa fizesse a leitura para a aluna, pois o material não era transcrito para braille, ou seja, não ocorria o contato direto com esse sistema de escrita.

Outro adulto informou a razão pela qual não tem dificuldade com a ortografia.

Meus pais não quiseram, e eu não tive, nada gravado até o 3º colegial. Eles falavam que eu tinha que ler para saber escrever, quando minha mãe lia para mim, ela explicava como a palavra era escrita. Dias atrás, a professora de português jurídico se surpreendeu porque eu não tenho erros de ortografia e ela esperava que eu tivesse muitos erros. (CAIADO, 2006, p. 64)

Através desse depoimento é possível observar que a expectativa da professora em relação às pessoas cegas é a produção de textos com erros ortográficos.

Apesar dos dois adultos terem se alfabetizado através do sistema braille, o segundo apontou que não tem dificuldade com a ortografia porque realizou muitas leituras em braille ou recebia auxílio de uma pessoa para fazer as leituras e esta sempre informava a ortografia das palavras, provavelmente ainda desconhecidas pelo aluno. Ou seja, não utilizou os recursos de gravação até concluir o Ensino Médio. Essa afirmação destacou a importância da realização de leituras em braille para a apreensão da ortografia das palavras.

Nos últimos anos, devido a popularização dos gravadores; ao surgimento de softwares de voz, permitindo o acesso das pessoas cegas à informática; e ao aperfeiçoamento de softwares de reconhecimento de textos através da digitalização, foram ampliadas as possibilidades de atuação dos cegos nos processos de ensino e aprendizagem.

A partir dessas novas ferramentas, porém, muitos livros deixaram de ser impressos em braille

retirando das pessoas cegas em todo o mundo, o direito à experiência direta com a leitura braille e assim, com todas as informações que a mesma propicia ao leitor, do ponto de vista da gramática, da ortografia, entre tantas outras de ordem mais subjetiva (BELARMINO, 2001).

Com isso, surgiu um movimento entre algumas pessoas cegas que acreditam não precisar mais do Sistema Braille e, por isso, esse sistema de escrita vem sendo usado com menos frequência e mais precariedade. Esse fenômeno foi denominado por pesquisadores como “desbrailização”.

Belarmino (2001) ressalta que é preciso compreender os recursos de gravação e digitalização de livros como *estratégias complementares* para a realização da leitura, mas nunca

como substitutos do braille. Belarmino (2001) acrescenta ainda que “pesquisas rigorosas ainda não foram realizadas, mas começa a crescer entre os educadores, administradores de escolas e serviços especializados, rumores com respeito a essa situação desfavorável”.

Oliveira (2009) aponta que na educação inclusiva

O primeiro e mais sério problema dessa modalidade de educação é o despreparo dos professores no que diz respeito à importância do Sistema Braille para a verdadeira inclusão educacional dos alunos cegos. Isso os leva, muitas vezes, a não incentivar o uso desse sistema e, o que é ainda mais grave, em alguns casos chegam a desestimulá-los nessa utilização, privilegiando o uso desses recursos que não lhes trazem as mesmas vantagens, especialmente no estudo de Matemática, Química, Física, Língua Portuguesa e línguas estrangeiras (OLIVEIRA, p. 175, 2009).

A presente pesquisa objetiva identificar, descrever e analisar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores para ensinar ortografia em classes com crianças cegas incluídas.

A ortografia é a convenção da escrita, ou seja, cada palavra possui uma única forma ortográfica, independente dos dialetos e das variações lingüísticas. Dessa forma, a leitura e a compreensão de textos não fica prejudicada (Cagliari, 1997, p. 32; Smith, 1999, p. 60-1, Morais, 2003, p. 18-9). Por ser importante para a comunicação escrita, a ortografia é objeto de ensino preconizado pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa*.

De acordo com esse documento, o ensino de ortografia deveria organizar-se de forma que favoreça a inferência dos princípios de geração da escrita convencional, a partir da explicitação das regularidades do sistema ortográfico. Isso torna-se possível se a exploração ativa e a observação das regularidades da escrita forem tomadas como ponto de partida. Para proporcionar que os alunos tomem consciência do funcionamento da ortografia, é preciso permitir que explicitem suas suposições de como se escrevem as palavras, que reflitam sobre as possíveis alternativas de grafias e comparem com a escrita convencional. Além disso, o ensino de ortografia deve permitir que os alunos tomem consciência da existência de palavras cuja ortografia não é definida por regras e, por isso, exigem a consulta a fontes autorizadas e o esforço de memorização (BRASIL, p. 85, 2000).

É preciso investir no ensino da ortografia, através de métodos que possibilitem a reflexão sobre a escrita, levando o aluno a desenvolver diferentes níveis de análise da língua, em vez de apenas avaliar e verificar o conhecimento ortográfico das crianças (Morais, 2003, p. 18). Para isso, o professor deve compreender como a criança aprende a ortografia, quais os principais obstáculos vividos por elas e viabilizar métodos de ensino eficazes que possibilitem por parte da criança a plena aquisição da escrita ortográfica.

O ensino de ortografia para crianças videntes é tema de diversas pesquisas brasileiras. No entanto, poucos são os estudos nacionais realizados sobre o desenvolvimento da escrita ortográfica em crianças cegas. Exceção à pouca produção científica acerca desse tema é a pesquisa de Nicolaiewsky (2008). A referida pesquisadora investigou a segmentação lexical na produção textual infantil em braille e demonstrou que os aprendizes cegos se apropriam da língua escrita de modo similar às crianças videntes. O domínio da ortografia favorece a

segmentação correta das palavras. Foi verificado que o desenvolvimento de habilidades de análise fonológica e morfosintática podem contribuir para o aprendizado da escrita ortográfica.

A presente pesquisa mostra ser relevante pois poderá contribuir para a discussão do ensino de ortografia para crianças cegas.

METODOLOGIA

Com o objetivo de identificar, descrever e analisar as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor para ensinar ortografia em classes com crianças cegas incluídas, estamos realizando um Estudo de Caso, através de uma abordagem qualitativa.

Estão sendo realizados o estudo de dois casos. Como critério para a escolha das classes, foram selecionadas duas escolas (uma particular e outra municipal) com crianças cegas incluídas no 3º e 5º anos do Ensino Fundamental. A escolha das séries se deve ao fato de ser nesse período que o ensino de ortografia se inicia de forma mais sistemática.

Para a coleta de dados estamos realizando observações nas classes selecionadas e, posteriormente, faremos entrevistas semi-estruturadas com as professoras regentes das classes.

As observações acontecem uma vez por semana em cada classe, e ocorrerão durante três meses. Para isso, estamos utilizando um roteiro de observação e elaborando um diário de campo para facilitar a análise dos dados. Além das estratégias pedagógicas para ensinar ortografia, serão observados os planos de aula, os livros didáticos e os demais recursos usados pelo professor nas situações de ensino.

Após o período de observação, serão feitas entrevistas semi-estruturadas com os professores para estabelecer relações entre as falas e a prática pedagógica. Além disso, as entrevistas possibilitarão a obtenção de dados em profundidade e o esclarecimento de fatores que não tenham ficado claros durante as observações.

RESULTADOS

Os dados iniciais demonstram, nos dois casos, que a prática pedagógica prioritariamente utilizada se pauta numa abordagem mnemônica. Nas duas escolas, o livro didático é bastante usado para o estudo dos conteúdos, porém as alunas não possuem os livros em braille.

A professora da escola municipal realiza, frequentemente, ditado de palavras. Quando solicita aos alunos da classe a realização das atividades do livro didático, a aluna cega não faz a mesma atividade, pois, segundo a professora, a aluna não pode fazer porque seu livro ainda não está em braille. Somente durante a correção dos exercícios a criança tem contato com os conteúdos do livro. Antes de corrigir as atividades de interpretação de texto, a professora faz a leitura para toda a turma e, após a correção, solicita que escreva o que entendeu sobre o texto. No entanto, as perguntas do livro não são respondidas pela aluna cega. A professora informou que prefere que a aluna responda a maior parte das atividades oralmente, já que não conhece o sistema braille.

Na escola particular, observamos que a professora privilegia o uso do livro didático, e faz poucas explicações sobre os conteúdos. Numa das aulas de revisão sobre acentuação gráfica a criança não fez os exercícios propostos porque ainda não sabe escrever as letras com acento.

Nas duas escolas, as professoras têm contato com a escrita das alunas cegas através da transcrição feita por outras pessoas ou da leitura feita pelas próprias alunas. Na escola particular verificamos que a transcrição do sistema braille para a escrita à tinta nem sempre é feita de forma fidedigna, ou seja, os erros cometidos pela criança no momento da escrita são corrigidos na transcrição e o professor, ao ler a palavra escrita de forma correta na transcrição, não identifica que na escrita braille a palavra foi registrada com erro de ortografia e, portanto, nenhuma intervenção é feita com a criança. Na escola municipal, a professora informou que não envia para a instituição especializada as atividades para transcreever do sistema braille para a escrita à tinta, porque tais atividades demoram para retornar. Essa professora informou que solicita para a criança cega a leitura de suas respostas para que possa corrigi-las. No entanto, observamos que a professora, após a realização do ditado, por exemplo, não pede que a criança soletre a palavra para verificar a ortografia. A aluna realizou diversos ditados desde o começo do ano letivo, que foram corrigidos dessa maneira e, portanto, as palavras escritas erradas permaneceram erradas.

DISCUSSÃO

Os resultados sugerem que a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula pouco tem contribuído para que as crianças cegas alcancem a escrita ortográfica por se pautarem numa abordagem tradicional de ensino. As situações de ensino propostas nas classes observadas não atendem aos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa (citados anteriormente).

Os ditados realizados não buscavam refletir sobre a escrita das palavras. Morais (2003) propõe atividades para desencadear a reflexão ortográfica tendo textos como suporte: ditado interativo, releitura com focalização e reescrita com transgressão. O ditado interativo é um novo tipo de ditado, diferente do tradicional, onde busca-se ensinar ortografia, refletindo sobre o que se está escrevendo. Para isso, é utilizado um texto já conhecido pelos alunos. Durante o ditado, são feitas diversas pausas, nas quais os alunos são convidados a focalizar e discutir certas questões ortográficas previamente selecionadas ou levantadas durante a atividade, conforme a solicitação dos alunos. Na releitura com focalização é feito um encaminhamento parecido com o ditado interativo. É realizada, coletivamente, a leitura de um texto já conhecido e são feitas interrupções para debater sobre certas palavras, lançando questões sobre sua grafia. Na terceira proposta, reescrita com transgressão ou correção, os alunos são convidados a reescrever um texto para corrigi-lo ou para “errar de propósito”. O autor ressalta que não está incentivando o erro, a intenção é discutir com os alunos os acertos ou erros que produzem/ descobrem. Além, disso para escrever errado de propósito é preciso compreender as regras de ortografia (Morais, 2003, p. 77 – 87).

Verificamos que as professoras das duas escolas não conhecem o sistema braille e, muitas vezes, as crianças cegas fazem as atividades oralmente. Corroboramos com Oliveira (2009) quando afirma sobre a educação inclusiva que “o primeiro e mais sério problema dessa modalidade de educação é o despreparo dos professores no que diz respeito à importância do

sistema braille para a verdadeira inclusão educacional dos alunos cegos” (OLIVEIRA, p. 175, 2009), pois somada às estratégias de ensino utilizadas, a ausência de conhecimento das professoras acerca do sistema braille demonstrou que as intervenções pedagógicas foram pouco eficazes para o aprendizado da ortografia.

CONCLUSÃO

A partir dos dados obtidos até o momento e das pesquisas brasileiras com crianças videntes sobre o aprendizado da ortografia, identificamos que as práticas pedagógicas pouco tem contribuído para que as crianças (videntes e cegas) apreendam as regras ortográficas.

Sendo os livros (e outros materiais) em braille o melhor meio de apresentar as regras ortográficas para a pessoa cega, por estar em um formato que permite o contato direto com a ortografia das palavras, as crianças cegas das classes observadas encontram-se em desvantagem por não terem os livros didáticos transcritos para braille.

Acreditamos que a presente pesquisa contribuirá para a discussão acerca do ensino de ortografia para crianças que utilizam o sistema braille. Saber escrever dentro das regras exigidas para a escrita é importante tanto para a trajetória escolar quanto para a inserção no mercado de trabalho. No entanto, não é afirmando que elas erram que auxiliaremos na aquisição da ortografia oficial. Além de incentivar as leituras em braille, é preciso criar situações de ensino favoráveis para o aprendizado das regras ortográficas.

REFERÊNCIAS

- BELARMINO, J. **As Novas Tecnologias e a "Desbrailização": Mito ou Realidade?** Palestra proferida por ocasião do II Seminário Nacional de Bibliotecas Braille, no período de 07 a 11 de maio de 2001. Disponível em: <<http://intervox.ufrj.br/~joana/textos/tecni08.html>>
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Volume 2. 2 ed. – MEC/SEF. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4 ed. São Paulo: Ática. 2003.
- NICOLAIEWSKY, C. de A. **O Desenvolvimento de competências metalingüísticas e o aprendizado da escrita através do Sistema Braille**. Monografia. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2004.
- NICOLAIEWSKY, C. de A. **Segmentação lexical na produção textual infantil em Braille**. Dissertação. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.

OLIVEIRA, R. F. C. de. **Desbrailização: realidade e perspectivas**. In: AMIRALIAN, M. L. T. M. (organizadora) Deficiência visual: perspectivas na contemporaneidade. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2009.

SMITH, F. **Leitura Significativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.